AS MISSÕES DO CLERO SECULAR E A CIVILIZAÇÃO

Eminentíssimo Senhor:

A dedicatória dêste meu modesto trabalho, que vem lançar ampla e nova luz sôbre um assunto de transcendental importância, pertence, por mais de um título, a Vossa Eminência, que pelo seu magistral saber e preclaras virtudes é singular entre os maiores. Nas páginas que vão ler-se, singela homenagem de muita dedicação que Vos consagro e de profundo respeito com que Vos admiro, registei não com a vaidade de parecer autor, nem com a jactância de ser estimável o meu trabalho, mas sim com o designio de fazer nessas páginas, pública, a verídica narração dos feitos engrandecedores dos nossos Missionários na prègação da Religião de Jesus Cristo e na dilatação do Império Português.

O estudo consciencioso dêste trabalho, baseado na grandeza da verdade, habilitou-me para, com dedução rigorosamente lógica, e em face da historiografia e literatura — a não empecendo a outrem — dar o seu a cada um, e seguir a ordem, conformidade, congruência e correspondência do fim com o princípio, ou do princípio com o fim, como se insinua nos Tropos da Oratória.

Digne-Se, pois, Vossa Eminência de abençoar êste trabalho, para que mereça ser acolhido pelo público com benevolência, e aceitar a oferenda que dêle Vos faço em testemunho do meu profundo respeito e veneração.

Lisboa, 21 de Setembro de 1931.

Monsenhor Gustavo Couto

PATRIARCADO DE LISBOA

SECRETARIA PARTICULAR

Meu Caro Monsenhor Couto

Neste seu novo trabalho — que a escassês de tempo lhe não permitiu ler inteiramente no Congresso Missionário de Barcelos — quis V. Rev.ma recordar algumas páginas esquecidas da nossa epopeia missionária. Bem faz em dá-lo à luz da publicidade, para que a sua leitura desperte em muitos portugueses a admiração pela acção dos nossos antigos missionários e a imitação dos seus exemplos.

Creia-me sempre seu Prelado e servo
m.to am.o e ver. in C. J.

Lisboa, 18 de Novembro de 1931

† M., Card. Patriarca.

MONSENHOR GUSTAVO COUTO
Prelado doméstico de Sua Santidade

Influencia Benéfica e Civilizadora das Missões do Clero Secular atravez dos tempos

Tese versada na sessão inaugural do Primeiro Congresso Nacional Missionário, na cidade de Barcelos no dia 2 de Setembro de 1931

O produto liquido dêste livro é destinado pelo autor aos três colégios das Missões Religiosas Ultramarinas de Sernache do Bonjardim, de Tomar e de Cocujãis

LISBOA
MCMXXXII

IMPRIMATUR

Lisbonae, 18 Nov. 1931

† M., Card. Patriarca.

Influência Benéfica e Civilizadora das Missões do Clero Secular atravez dos tempos

Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!

Ep. Beati Pauli ad Romanos, Cap. X

Em.ᵐᵒ e Rev.ᵐᵒ Senhor Cardeal Legado do Papa Ilustre Patriarca de Lisboa e meu Venerando Prelado

Dignou-Se V. Em.ª, Senhor Cardeal Patriarca, dar com a sua respeitável presença, a consagração máxima a êste Congresso Missionário, demonstrando assim que ao elevado e lúcido critério de V. Em.ª merece a mais acrisolada atenção tudo quanto se relaciona com as nossas valiosas Missões Religiosas de Além-Mar, tão indissolùvelmente ligadas com a continuïdade da gloriosa Pátria Portuguesa; e daí cabe-me a honra de, beijando a Púrpura Sagrada, apresentar a V. Em.ª, juntamente com o preito da minha respeitosa homenagem, a sentida expressão do meu profundo reconhecimento.

Ex.ᵐᵒ e Rev.ᵐᵒ Senhor Arcebispo Primaz

Considero do meu dever expressar aqui, e bem sentidamente o faço, os meus sinceros agradecimentos pelas benévolas palavras com que V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ Se dignou de me apresentar ao ilustrado auditório que me vai ouvir.

Oxalá! que eu possa corresponder à espectativa de V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ.

Em.ᵐᵒ Senhor Cardeal Legado!
Ex.ᵐᵒ e Rev.ᵐᵒ Senhor Arcebispo Primaz!
Ex.ᵐᵒˢ e Rev.ᵐᵒˢ Senhores Arcebispos e Bispos!
Presadíssimos Colegas e Irmãos no Sacerdócio!
Piedosas Damas!
Meus Senhores!

Coube à nobre cidade de Barcelos a glória de ser ela a celebrante da abençoada memória de um dos seus filhos mais ilustres, que, regulando a sua vida pela sua religião,

se tornou tanto maior diante dos homens quanto era recto diante de Deus; e para que essa memória ficasse perpetuada, engastou no florão de suas gloriosas tradições o brunido e facetado diamante de intrínseca valia cristã e portuguesa, encimando-o e personificando-o pela proeminente Figura do grande Português e do grande Bispo Missionário que em vida se chamou D. António José de Sousa Barroso.

É, portanto, o caso de cantarmos, como cantava o grande Épico:

Para se pôrem coisas em memória,
Que mereçam de ter eterna glória!

A benevolência devida aos vivos pode levar-nos a respeitar nos actos de cada homem um produto indiscutível da sua benemerência; a verdade, porém, devida aos mortos, a incorruptível verdade, tem diante dos túmulos o dever de considerar em nome da Sociedade tôdas as condições que encaminharam uma existência nessa linha ideal para onde convergem as mais altas aspirações da humanidade.

Há figuras tocadas de beleza moral, que, embora ultrapassem os umbrais da morte, deixam atrás de si rastos de luz que as evocam com apoteose de gratidão, de admiração e de veneração pelo bem que espalharam transitando por êste mundo.

E tão certa é essa afirmação que no Livro da Sabedoria, Cap. IV, V. I, se conserva escrita esta frase: É imortal a sua memória, porquanto ela é conhecida assim diante de Deus como diante dos homens. *Immortalis est enim memoria illius: quoniam et apud Deum nota est, et apud homines.*

A glória dourada dos que tiveram tesouros imensos extingue-se. A Fama, essa asa que ergue alto os grandes, um dia abate-se, cansada, porque quanto mais alto se sobe, mais se deve temer a queda. Mas a Beleza Moral, que faz heróis, que faz mártires, que faz santos, jàmais é olvidada, porque a voz do povo, que é a voz de Deus, não cessa de celebrar as delícias do homem justo coroado de glória.

O grande valor e prestígio dêsse extraordinário Bispo Missionário, que na sua ilibada conduta e exímia caridade para com os pobres, que o psalmista assim define: *Tibi derelictus est pauper: orphano tu eris adjutor,* constituiu um

D. António José de Sousa Barroso

Bispo do Pôrto

valioso património, dobrando de alguma maneira a sua modelar figura, está exactamente no justo e alto privilégio de, após tantos anos, ser ainda hoje aplaudido ruïdosamente, como o fôra quando começou a sua apostólica vida de missionário, semeando o grão bendito da palavra de Deus, e hasteando a tanto custo o pavilhão das quinas nessas longes terras, dando por esteio a Cruz do Redentor.

Modelam-se as nações pelo carácter puro e nobre dos seus filhos; e daí Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, querendo dar o mais alto significado à manifestação pública em honra de um dos maiores Bispos Missionários do Clero Secular Português, houve por bem mandar que sob os seus auspícios se realizasse nesta cidade o primeiro Congresso Nacional Missionário, e ainda com aquela sua superior visão em tudo, deu, não sòmente o elenco das teses, que os conferencistas deviam versar, mas ainda confiou ao ilustre Presidente da Câmara Municipal desta cidade de Barcelos, senhor conde de Vilas-Boas, que foi um dos mais briosos oficiais da nossa Marinha de Guerra, e que enfileirado na benemérita e heróica falange de esforçados portugueses, prestou na província de Moçambique relevantes serviços, o honroso encargo de organizar nesta cidade os trabalhos preparatórios.

Para a integral realização desta manifestação pública, tão palpitante e de tanta magnitude, Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Bispo de Vila Real e Meritíssimo Superior dos Colégios das Missões Religiosas Ultramarinas dos Padres Seculares, convocou em 29 de Janeiro do corrente ano, no Paço Patriarcal de Lisboa, os antigos missionários, que se encontravam nessa cidade, a fim de com êles trocar impressões. E, por fim, quis Sua Ex.ª Rev.ma honrar-me lembrando-se do meu nome para vir aqui versar a tese intitulada «As Missões do Clero Secular», lembrança que nas circunstâncias especiais em que se realizou teve para mim um verdadeiro significado de fôrça e o valor de uma ordem, que me deu a coragem necessária para aceitar o pesado e árduo encargo, sem me iludir sôbre as dificuldades da emprêsa; tanto mais que era esta a ocasião propícia de associar-me do fundo da minha alma a tão justa quão merecida homenagem dêste Congresso à memória do insigne Bispo Missio-

nário D. António Barroso, pois enquanto êle foi vivo, não pude nunca testemunhar pùblicamente a admiração que os seus merecimentos e virtudes me inspiravam como meu antigo Prelado e meu Amigo.

Chamo-lhe meu Amigo não para me vangloriar de um título que tive a honra de merecer-lhe durante o longo decurso de 30 anos, até à sua morte, ocorrida em 31 de Agôsto de 1918, mas para lhes dar desde já um traço característico dêsse grande Bispo Missionário, que pela sua formatura feita na Bíblia, que é o livro de todos os livros, de todos os tempos e de tôdas as inteligências, porque o é da eternidade, — sabia o segrêdo de anular a distância, que uma diferença hierárquica estabelecia entre mim e êle, reünidos pelo acaso na laboriosa vida missionária, durante a qual recebi dêle, a par de inestimáveis demonstrações de benevolência, lições práticas que êle sabia dar, com a sua magistral ciência de bem dizer e de bem convencer.

Na intimidade era impossível conhecê-lo sem o amar e sem o respeitar, pois era singelo e bondoso, exemplar vivo de humildade cristã e amor evangélico.

Ganha-se sempre em ouvir um homem douto e virtuoso. E foram essas lições que, louvores a Deus, me ensinaram a forma prática de desempenhar a seu contento a mais alta e pesada função eclesiástica, em a qual êle houve por bem investir-me, dando, além de tôda a jurisdição, poderes, faculdades ordinárias e extraordinárias, — a carta branca, e o pleno voto de confiança, — para na sua ausência governar e administrar a vastíssima Prelazia de Moçambique.

Isto tudo constata o muito que lhe fiquei devendo, e que trago registado na lembrança.

Vede que confesso pùblicamente a dívida; vereis como aproveitando êste ensejo, porventura para mim o derradeiro, vou também pùblicamente pagá-la, não com a moeda de prata ou de ouro, que para êle foi sempre de somenos importância, mas com a moeda que traz a efígie de indelevel gratidão, e que tem valia diante do Soberano Rei da Glória.

Trata-se de um dos mais completos bispos missionários do clero secular, fundamentalmente crente e patriota, que manejando estas duas fôrças propulsoras, realizou uma grande obra missionária, da qual fui testemunha ocular.

Para que me havia de pôr a fazer frases sôbre a minha própria comoção, a qual, de resto, eu não conseguiria jàmais, pelos efeitos retóricos, transmitir a quem me ouvisse?

Em vez de lhes expôr, mediante divagações psicológicas, o efeito que êle me produziu, eu considero do meu dever expô-lo na totalidade de sua autêntica expressão de caritativo, de justo, de simples, de fervoroso e de bom; tal qual o vi, e habituei-me a respeitá-lo e admirá-lo, pela sua dignidade, pela sua honradez, pela sua sinceridade, e pelas suas boas obras, não só dentro da moldura da pragmática, mas em plena luz, de frente e corpo inteiro, infundindo em todos quantos se aproximavam dêle a sua fé, a sua mansidão e também a sua coragem, mormente nos sertões de Moçambique, onde mais alto do que os pavorosos rugidos, que então se ouviam freqüentemente, de leões devoradores em circuito, buscando a quem tragar, ecoam ainda hoje os ensinamentos e as virtudes do grande Bispo Missionário, que, à semelhança de um dêsses bispos feudais da Idade Média, de capacete na cabeça, o arnez afivelado por cima das vestes episcopais, tendo numa das mãos o báculo de pastor e na outra uma espada de guerra, e afrontando a morte, os perigos e intempéries dessas inóspitas plagas africanas, onde roda o carro do Sol crestando a terra, foi como poucos, um homem de acção.

Na inspecção directa, na visita pastoral à sua vastíssima Prelazia, foi até onde nunca penetrara um bispo português, revelando assim, radiante de luz e de encanto, ser um valoroso apóstolo.

O ânimo do verdadeiro pastor é elástico. Torce-se mas não quebra; contrai-se, mas logo se dilata. Não há dificuldades nem perigos para os que confiam em Deus. E, assim, o Senhor D. António Barroso, colocando-se, com a sua atlética figura, à frente de todos aqueles que levava em sua companhia, e sempre no lugar mais arriscado, conjurou, com uma imperturbabilidade heróica, muitos lances aflitivos, que em mais de uma ocasião puseram em iminente perigo o êxito dessa laboriosa visita pastoral de grandes e profícuos resultados religiosos e patrióticos.

Basta, para exemplo, o seguinte facto horrivelmente medonho, que em traço rápido reproduzo tão fielmente quanto

a minha memória o permite, e que caracteriza a personalidade do Senhor D. António Barroso: Foi um dia, pelas cinco horas da tarde, após uma fatigante caminhada, e precisamente quando, exaustos de fôrças, procurávamos no mato um lugar para o repouso durante a noite, ouviu-se, de súbito, a vozearia dos carregadores, que, na sua maioria, depondo no chão as pequenas cargas de rancho, davam o sinal de alarme como usa fazer-se no sertão em perigos iminentes, gritando: *Pondoro! Pondoro!* (Leão! Leão!), e numa carreira vertiginosa fugiam, espavoridos, pelo mato dentro — pois a cem passos do lugar escolhido para o repouso via-se, estendido em uma poça de sangue, o cadáver de um preto momentos antes esfacelado pelo leão, que, sentindo a vozearia, se havia, porventura, acoitado ao seu fôjo, mas decerto não muito longe da prêsa.

Pode-se imaginar os horrores dessa cena lacerante, própria dos lances aflitivos! Ou nós saíamos incólumes da prova, ou ficávamos ali! Era um momento supremo de angústia!

D. António Barroso, olhando em tôrno de si, compreendeu-o num repente, e levado por uma das inspirações que tantas vezes lhe ocorriam, ergueu-se como por encanto, ao lado do cadáver, e com a sua vibrante e sonora voz ordenou ao intérprete que imediatamente traduzisse em cafreal, aos poucos carregadores que ainda não tinham tido tempo de fugir, a seguinte, breve mas patética fala: «*Meus amigos, o leão assim que teve conhecimento que eu estava aqui e no meu posto de Pastor, fugiu*». E depois de o intérprete ter traduzido essa fala, mandou-nos, como se fôra um estratégico capitão, que fizéssemos duas descargas ao ar. E, de feito, essas duas descargas de três espingardas, das quais apenas êle e mais dois de nós éramos portadores, repercutindo pela redondeza daqueles sítios, produziram o efeito desejado, pois os fugitivos carregadores, persuadidos que o leão, já ferido, se havia internado no mato, voltaram um após outro ao lugar donde haviam fugido.

Ser corajoso por êsse modo não é sòmente arriscar a vida num transe duvidoso, é sacrificá-la de um modo certo e de um modo heróico e sublime — para conquistar o quê? Um país estranho? Um continente desconhecido? Não. Para conquistar ùnicamente a afirmação da sua consciência no dever cumprido do pastor sem mêdo e sem mancha.

A sua vida não foi senão o exercício daquelas duas tendências, que se assinalam já no primeiro século e se personificam em S. João e S. Paulo — a doçura e o amor, a energia e a luta.

Seria um crime, seria um roubo feito à benemérita acção do clero secular, e principalmente à biografia do Senhor D. António Barroso, que, mercê de Deus, não está perdido; mas foi, antes de mim, deturpar no mínimo ponto a linha de sua imortal Figura, que se impunha sem se impôr, se eu, que fui o seu mais respeitoso e leal cooperador, e o amigo certo e devotado, não tivesse, nesta solenissima sessão, dito a respeito dêle, embora em poucas palavras, tudo o que sinto, e que à guisa do exórdio da tese que vou versar, a inteira justiça e a imperecível gratidão mandam que o diga.

Fique-lhe êste sinal do meu profundo reconhecimento por tudo, não só como preito da minha dedicação, senão também como um dêsses quadros votivos com que os beneficiados gratos exornam as aras dos benfeitores generosos, e que simboliza o testemunho público de veneração que a sua modelar e excelsa figura de Bispo Missionário de peregrinas qualidades de espírito e de coração me inspira, e me ensina a maneira de honrar uma memória, que por tantos e tão singulares títulos me é sagrada.

*
* *

De tôdas as instituïções ilustres que se têm conservado na memória dos homens, e que se tornaram quási populares em tôdas as nações, nenhuma há mais universalmente conhecida que a instituïção missionária.

Entre os maravilhosos espectáculos que de tempos a tempos nos oferece a história do espírito humano, um dos mais estupendos é, sem dúvida, o que ela nos apresenta em as missões ultramarinas portuguesas, dando-lhes um culto santo, puro e duradouro, que nem o tempo nem o infortunio puderam destruir, e que sendo tão amado pelos que ainda hoje resolutamente se votam ao desempenho dêsse árduo

ministério, reinará sempre no seu espírito, pois traz o sêlo de eterna duração.

Mas como um dos males da sociedade moderna, o mal que é a origem de todos os outros, é a deminuïção da verdade, torna-se indispensável construir tudo, não tanto em palavras, como em factos, que são, por assim dizer, o trajo das nossas missões, às quais devem êles de ajustar-se bem, como ao corpo o vestido.

Invocou-se a minha qualidade de antigo missionário do Padroado Português no Oriente, e ainda na vasta província de Moçambique. E eu, apesar de conhecer a complexidade do assunto e também que me escasseavam os merecimentos, tomei sôbre mim o encargo de fazer a resenha da benéfica acção dessas missões.

Sirva-me tão franca e sincera confissão perante quantos, prezando a valia das nossas missões, aqui lhe desejariam ver aquilatado o engenho e exaltada a acção por quem tivesse outro jús para acêrca dessa acção pronunciar uma sentença autorizada.

Qualquer que seja a especialidade de cada um, ninguém hoje pode ser indiferente à exégese de tôda a evolução humana. Ninguém pode impunemente prescindir de um método analítico, de um processo indutivo, que partindo da observação dos factos se eleva à concepção das leis e dos princípios, para a coordenação de todos os fenómenos físicos e morais que constituem o sistema do nosso universo. Sem esta condição essencial, o desalento vence-nos, a especialidade amesquinha o nosso critério, tornando-nos estranhos à grande solidariedade humana; a controvérsia, sempre que nos toca, despenha-nos na misantropia; e falta-nos, finalmente, o dôce refúgio moral que todo o homem de bem deve ter, na elevação da sua alma, dentro do seu próprio ser, contra a calúnia, contra a inveja, contra a rotina, contra a impopularidade e contra a derrota.

Pois é êste o caminho que seguirei, e abrindo o grande livro dos anais do género humano, a contar das descobertas, das conquistas e das nossas missões religiosas, apontar-vos-ei em uma iluminura os vestígios inapagáveis dessas missões e da sua benéfica influência através dos tempos —

efeito que denota uma causa sobrehumana, virtude que só se explica por um objectivo imensamente grande.

Àqueles que para fins nem sempre confessáveis, têm até agora duvidado da apostólica e civilizadora acção das nossas missões religiosas e querido deminuir a sua glória luminosa, render-se-ão por ventura à autoridade e ao testemunho da história; tanto mais que a história da sublime epopeia missionária portuguesa é a história da verdadeira prègação evangélica e da verdadeira civilização, e, como tal, digna de estimação e de perpétua memória.

Eis o motivo por que me encontro aqui, não como um entendido, que nunca o fui, nem agora o sou, posto que tenha trabalhado tanto que o pudera ser, e que procura outro entendido e que sôbre o assunto com êle estabelece a controvérsia, discutindo bases, sôbre as quais deve assentar a veracidade insofismável dos factos consumados.

Eu bem sei que êste assunto é árduo, não pela sua aridez, mas, ao inverso, pela sua mesma superabundância, e, apesar de tôdas estas dificuldades, encaro o assunto em obediência ao mandado superior, esperando confiadamente que a nobre e altiva cruzada dêste Congresso Missionário produza, sob a magistral direcção do nosso sábio e venerando Episcopado, os efeitos desejados, e sirva para traduzir em um facto indiscutível a ancestral mestria da monumental obra missionária portuguesa.

No decurso da exposição dos factos, meditados com muito afincada atenção, reflectirei que tenho a honra de falar na presença dos mestres de Israel, cujo saber me admira e cuja bondade me confunde, pois sendo, como são, óptimos farois para os pilotos inexperientes, e fortissimos bordões para os passos vacilantes, dão-me coragem para, com enternecimento e o melhor que possa, recordar os relevantes serviços dos nossos missionários, que num momento cheio de incertezas e angústias, contribuiram não só para conjurar formidáveis perigos, mas ainda, de uma maneira singular, para se ganharem resultados gigantes com diminutos recursos, e consolidar com marcos imperecíveis êsses resultados, que tão eloqüentemente extremam a sua trajectória edificante, e cujos ecos, ininterruptamente, a voz da humanidade

fêz chegar até nós, e, ainda, querendo Deus, há de fazer repercutir em todos os séculos por vir.

Em face disto, é-me sobremodo grato dizer que nas considerações que vou expôr intento, com linguagem da verdade, que é pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial, mostrar que as nossas missões foram, pela sua influência directa e bemfazeja, um dos indispensáveis factores de grandeza, não só da Nação Portuguesa, mas ainda de outras nações.

Tive em vista, primeiro que tudo e acima de tudo, estabelecer sòlidamente os princípios, e não sòmente refutar as objecções já discutidas ou possíveis, porque logo que esteja firme naqueles, cai por si o êrro nas suas mil formas.

O pensamento fundamental dêste meu modesto trabalho é reünir, num quadro breve e animado com traços vigorosos, o engenho com que as nossas missões contribuíram, pela sua capacidade, a solucionar muitos problemas difíceis — quadro das gloriosas tradições passadas, jogando com aspirações futuras, onde a vista espiritual alcance sem fadiga a sucessão das fases diversas da vida atribulada dos nossos missionários, sempre activos e sempre confiantes em Deus, e não se esqueça de recordar com gratidão os assinalados serviços que êles prestaram à Religião e à Pátria, arcando com tôda a sorte de dificuldades para as subjugar e fazer servir aos salutares destinos da humanidade.

Para realizar o que êles realizaram, caminhando sôbre as arestas de muitos abismos, sem caírem, e com o único fim de dilatar a Fé e de nobilitar a Pátria, foi um prodígio de equilíbrio, que demonstra o maior esfôrço mental e a mais intemerata coragem de que êles podiam dispôr; tornando-se, por isso, grandes e puras figuras da história, que aos homens civilizados não é lícito desconhecê-las.

Ninguém pode ser feliz se não gozar da sua própria estima, porque o único bem que não pode ser roubado é o prazer de haver feito uma boa acção; e daí eu traïria o meu ministério e a vós, se não vos dissesse a verdade pura e inteira. Vivemos em um século no qual, em face do êrro, é necessária a completa afirmação da verdade.

E, pena tenho eu, e muito grande, que um assunto tão vasto e de tanta importância, que eu conheci de perto nas

suas horas fáceis e nas suas horas difíceis, nos seus dias alegres e nos seus dias tristes, seja obrigado, num esfôrço de síntese, para não enfraquecer o interêsse e tôda a atenção, a tratar assim de relance, como se tivesse o talento de miniaturista, que não tenho, e reduzi-lo a uma fórmula simples e pequeníssima.

*
* *

Apesar de todo o interêsse que as missões do clero secular merecidamente assumem na história, não sòmente a sua verídica informação está por fazer, se é possível fazê-la ainda, mas muitos factos capitais, muitas das relações dessas missões, com o pensamento da sociedade do tempo, que a bem dizer simbolizam, são deficiente e vagamente conhecidos, quando não inteiramente ignorados.

As missões do clero secular, pelas suas múltiplas e beneficentes funções, é necessário que se saiba, representam um verdadeiro património, cuja divisa era, como ainda hoje o é, a dilatação da Fé e o engrandecimento da Pátria.

E tão nobre era êsse seu ideal, que não havia fôrça no mundo que fôsse capaz de vencê-lo. Podia tentar-se com o ouro, podia seduzir-se com as ambições da glória, mas vencê-lo quando êle queria resistir, nunca.

E, coisa admirável!, o sentimento religioso e patriótico, não é como os outros sentimentos, que deminuem ou se extinguem com o tempo e emmudecem na presença das desgraças; êle, pelo contrário, fortifica-se com o tempo, cresce com a idade e na presença dos infortúnios, nas crises mais arriscadas exerce a sua maior fôrça, ostenta o seu maior poder.

Mercê de Deus, e grande mercê, entre os missionários do clero secular português, êsse sentimento não morreu!

Recordar êsses factos é sempre reviver, não só para nós mas para todo o mundo cristão, um motivo de legítimo orgulho.

Quando os missionários como os nossos, pela sua fé e pela sua solicitude têm feito memoráveis serviços ao seu país, êles adquirem justa celebridade e os seus nomes são respeitados pelos seus compatriotas; mas se êles têm empregado

a sua vida ao bem-estar dos seus semelhantes, ou se fizeram um serviço útil à religião em outros países, então os seus nomes e a sua glória não pertencem sòmente à sua pátria, êles são do mundo inteiro, e o mundo inteiro lhes deve a gratidão.

E assim é, porque o trabalho dos nossos missionários constitui, modéstia à parte, um tratado completo da árdua ciência missionária.

O resultado da vitória que êles alcançaram, consumidos muitas vezes pela febre, mordidos pela fome e pela sêde, lutando com o clima, com as feras e com inúmeras dificuldades, retumbou com a sua palavra inspirada em todos os pontos onde estiveram e foi mais duradouro, porque a arma que êles empregaram na luta não levava a mancha do sangue, mas os resplandores da graça sobrenatural. Era cruzada da religião de Cristo, religião da paz e caridade que fala ao espírito e purifica as consciências, convencendo com a eloqüência que dá a verdade inspirada.

E para sentir seria que tantos e tão valiosos títulos, quási que argamassados com incríveis sacrifícios e principalmente com a sólida e ancestral fé portuguesa, incitadora da confiança nas heróicas interpresas e propiciadora de tôda a sua colossal epopeia missionária, ficassem desconhecidos dos vindouros. Um tal procedimento, além de não honrar, classificaria de escravos e vítimas da própria ignorância e fraqueza aqueles que com inglória resignação vissem quebrar-lhes em bocados a coroa imarcessível da sua crença e retalhar os frutos da sua messe, que com tantos sacrifícios e transes custosos haviam colhido, conservando-lhes apenas em prémio de tanta humilhação, não virtuosa, um título vão e uma posse efémera e fictícia, obrigando-os ainda a verem outros que se enfeitam com despojos seus!

Tôda a indagação, portanto, no consciencioso apuramento dos factos referentes às nossas missões, oferece sempre subsídios interessantes, na aparência considerados pequenos, mas que na realidade não são banais e insignificativos por se relacionarem e se ligarem intimamente à compreensão dos homens e sucessos do tempo em que tinham ainda o seu verdadeiro significado e enérgico sentido.

É um trabalho de largo fôlego, que só pode levar-se a

cabo lentamente e fora das flutuações da improvisação dos curiosos e amadores.

Sendo, como são, muito sugestivos êsses factos, onde brilham inconfundìvelmente elementos de considerável importância, nos permitem que penetremos na inabalável veracidade de alguns até hoje desconhecidos, não só por serem interessantíssimos, mas por desdobrarem com singular minúcia a prova justificativa da benéfica acção das nossas missões, ainda não vazia de sentido, antes pelo contrário, viva e palpitante de verdade em acção, indicando que essa acção foi nobre e baseada no acrisolado amor de Deus e do próximo, que esquecê-la é cometer um crime de lesa-razão e de lesa-história.

Quando outro valor não tivessem êsses factos, seriam singularmente preciosos por muito importarem à integridade histórica das nossas missões, cuja acção civilizadora tem não raras vezes sido amesquinhada.

A constância na luta gera a vitória, fazendo calar os detractores, que assombrados pela fôrça de argumentação baqueiam diante da verdade sempre combatida, mas sempre triunfante.

Luz da verdade e mestra da vida, a história é porventura de todos os géneros de instrução o mais grave e nobre, exigindo de quem lança mão dêste género, além de muitos outros dotes, a probidade e a imparcialidade. Para chegar ao seu fim o historiador deve remontar-se à fonte dos acontecimentos que narra, porque só assim poderá obter e comunicar o conhecimento dêles.

Postos êstes princípios, fechadas assim as portas a futuros reparos, vou descrever, em possìvelmente pequeníssimas dimensões, a grande, extensa e memorável obra das nossas missões, que não sendo inteiramente desconhecida, seria sôbre inútil, ofensivo da sua glória, dar aqui mais ampla notícia do seu valor, porque a revisão da benemérita cruzada dos fervorosos missionários, que nos precederam, deve provocar da nossa parte uma protestação admirativa, pois o interêsse principal dessa cruzada reside sobretudo na beleza da forma e do pensamento, e, como tal, é sempre viva e sempre actual, tanto mais que a fama das coisas passadas nos conserva as presentes.

*

* *

A voz da verdade e o *veredictum* da história reivindicam para os nossos missionários a sua legítima parte na propagação do Evangelho.

Mas como nem sempre a corda vibra o som que a mão procura, nem há Homero que desta ou daquela vez não dormite, faz-se preciso examinar num lance dos olhos o estado do mundo no momento solene que precede a sua renovação, a fim de se poder avaliar bem e com máxima segurança o título justificativo ou, para melhor dizer, a credencial da nobilíssima e gloriosa investidura de missionários, e saber quem foi o Soberano outorgante dêsse título e dessa credencial de eterna duração.

A emprêsa mais sublime no seu objecto, a mais vasta na sua extensão e a mais pasmosa no sucesso foi a concebida, há dois mil anos, por Jesus Cristo, de estabelecer a religião cristã no meio do paganismo e de renovar por ela a face da terra.

Nos últimos tempos da sua vida mortal, Jesus escolheu um pequeno número de discípulos, que, desde o princípio, testemunhas de suas acções e formados na sua escola, fôssem prègadores da sua doutrina. Êle não receia dizer-lhes: «Assim como Deus me enviou, eu vos envio: todo o poder me foi dado: ide, pois, e ensinai tôdas as nações. Mat. XXVIII, 18, 19».

Fieis às suas ordens, os apóstolos começam na mesma Judéa o seu prodigioso ministério da prègação das eternas doutrinas da salvação humana, e dos princípios basilares da vida cristã, como Jesus havia ensinado ao mundo, e para derramar estas sublimes coisas nos corações e espíritos dos homens, qual semente de imortalidade, que nascera, vivera, padecera e expirara no Gólgota. No primeiro dia em que abrem a bôca no meio de Jerusalém, três mil homens abraçam a religião de Jesus Cristo; um segundo discurso de S. Pedro fêz cinco mil prosélitos.

Logo o ódio dos sacerdotes e dos doutores da lei, faz citar os apóstolos perante o tribunal da nação; proïbe-se-lhes o prègarem em nome de Jesus, e êles respondem: «Nós

não podemos deixar de dizer o que temos visto e ouvido; julguai vós mesmos se não é melhor obedecer a Deus que aos homens». Act. 41; IV, 4, 19, 20.

Palavra simples e forte, que fará eco em tôdas as idades e que por tôda a parte irá suscitar em favor da verdade magníficos defensores, prontos a tudo sacrificarem por ela, mesmo a vida.

A tempestade da perseguição começa. Parte então de Jerusalém, montado num fogoso corcel, um moço de vinte e cinco anos, espumando de fúria, o mesmo que aplaudira a lapidação de Estêvam. Era cidadão romano, o célebre *civis romanus sum*, natural de Tarsa, no reino de Judéa, filho de pais nobres; sua mãi se chamava Teócrita; por êles foi mandado a Jerusalém a aprender os preceitos da lei debaixo da doutrina e magistério de Gamaliel, famoso letrado e doutor daqueles tempos, e também homem de respeito em todo o povo, aonde teve por condiscípulo a S. Barnabé. Corria-lhe pelas veias o sangue puritano da raça hebraica. Era entusiasta, fantasioso, um espírito de fogo, dos que só descobrem na contrariedade mais uma arma para a vitória, e cujo vôo não encontra limites no espaço senão quando os ventos lhe despedaçam as asas. Saulo se chamava êste moço hebreu, perseguidor dos cristãos quando saiu de Jerusalém para levar a guerra aos novos crentes de Damasco, e indo para êste efeito a essa cidade, sùbitamente o cegou o Senhor com a sua luz, ou, para melhor dizer, o alumiou e ilustrou para doutor da Igreja e defensor da Fé. Sendo convertido no mesmo sítio em que o ímpio Caim matou a seu irmão, o inocente Abel, impelindo os primeiros pais a contemplarem dolorosamente a primeira morte e a tomarem o primeiro luto. *Primi Parentes, Prima Mors, Primus Luctus.*

Cinco foram as palavras com que Cristo nosso Deus e Redentor converteu a São Paulo:

Saule, Saule, quid me persequeris?

E cinco também as palavras com que Paulo, o tremente e atónito convertido lhe respondeu, ganhando na corrida dêste circo o prémio:

Domine quid me vis facere?

E, assim, dentro da cidade, já Paulo, o ardente após-

tolo das gentes, prègou com grande espanto de todos a Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Damasco.

Entretanto, a resistência do judeu vai fazer a riqueza do gentio, e dispersa os apóstolos nos meio das nações infieis, e lhes leva com êles a luz do Evangelho. À sua voz o mundo pagão se desperta, as nações se abalam e as trevas da superstição começam a dissipar-se.

S. Paulo, escolhido pelo apostolado para a conversão das nações gentílicas, partiu ardendo em alvorôço. Atravessou, ascendendo os espíritos, a Antióquia, a Síria, a Troada, a Misia, a Arábia, a Macedónia, entrou em Filipos, primeira colónia romana e, passando a Tessalónica e a Berêa, bateu às portas de Atenas e entrou no Areópago, tão celebrado pelo estudo das letras e da filosofia, como Roma o podia ser por suas conquistas e seu poder, e onde sem se intimidar à vista dessa eminente assembleia, usando de uma justa moderação, não propôs logo, indiscretamente, àqueles sábios pagãos, os altos mistérios do cristianismo; mas antes de tudo, naquela linguagem nova, inventada por êle: «*Eu vivo, mas não sou eu, é Jesus que vive em mim*», preludiou as verdades primárias que preparam com segurança os caminhos da fé cristã, e tomando por base o dístico de um dos seus altares «Ao Deus desconhecido», demonstrou aos atenienses que êsse Deus que êles não conheciam era o que êle lhes anunciava; porque êste grande Deus foi o que fêz nascer de um só tronco tôda a raça humana, e lhes deu por habitação a superfície da terra, e que diante dêsse Deus todos os homens são iguais, não formam senão um só corpo, não havendo mais gregos, judeus, hebreus, gentios, livres, escravos, homens nem mulheres, porque não são todos senão *um* em Jesus Cristo.

E tudo isto êle lhes prègou, com o seu acento estrangeirado, na língua grega, que êle conhecia a fundo, como grande helenista que era, em a qual também por ser naquele tempo tão universal que entre os romanos até as mulheres, como nos informa Juvenal (Sátira VI — verso 186), falavam em grego, escreveu as suas catorze admiráveis Epístolas — Repositório da sublime doutrina do Senhor — àqueles que êle estabeleceu nas cidades mais célebres do império.

E, enquanto os apóstolos prègavam o Evangelho noutras

partes do mundo, e, principalmente Paulo, o vaso da eleição, lançava sementes da nova lei pelas nações gentílicas, S. Pedro, em perfeita concordância com o que havia resolvido como vigário de Cristo na terra, no primeiro concílio ortodoxo celebrado em Jerusalém no ano 49 da era vulgar; isto é, que os apóstolos deviam ir por todo o mundo levar o Evangelho a tôda a criatura, fêz também o seu glorioso caminho de missionário e foi de Jurasalém a Roma, capital do império, levar a boa nova, como testemunha viva da verdade, como enviado de Jesus, servo da sua missão, ministro do seu amor, e confessor da sua fé. É lá que êste príncipe do colégio apostólico e rude operário do maior monumento que a terra nunca jàmais vira levantar, fixou a sua Sede e teve sucessores em tôdas as idades; é de lá, como do centro do universo cristão, que partiu a luz evangélica, e por uma série de conquistas mui diferentes das de Scipião e de Paulo Emílio, feita a capital de um império espiritual sem limites e sem fim, Roma é verdadeiramente a cidade eterna, contra a qual nada prevalecerá, porque não foi sôbre a areia movediça dos caprichos humanos que se estabeleceu o fundamento do inabalável edifício de eterna duração. Em vão, pois, os aduladores dos poderes da terra pretenderão aluir os sólidos fundamentos lançados por S. Pedro, e que trazem o sêlo do seu martírio.

*
* *

Os apóstolos e discípulos imediatos de Jesus morrem, mas o seu zêlo não morre com êles; saíram das suas cinzas, não exércitos vingadores para exterminarem os seus inimigos, mas herdeiros generosos dos seus trabalhos e do seu sublime ministério, — herdeiros entre os quais se contam, com valiosos e legítimos títulos, os missionários portugueses.

Grande glória foi para Portugal ter descoberto o caminho marítimo da Índia; maior o ter-se Deus servido dele para difundir a fé de Cristo por aquelas vastas regiões que a Portugal opulentaram de inextinguível glória.

Da civilização industânica, para a época da civilização cristã, que na Índia foi implantada pelos portugueses, é um

período extenso que abrange factos notáveis e evoluções fecundas — produto de dois valiosos factores; isto é, da intrepidez dos nossos soldados e do fervor dos nossos missionários, cuja divisa foi trabalharem mais na extensão da fé do que na dos seus senhorios, pelo que tantas mercês lhes fêz Deus.

Não foi só com as armas que se conquistaram as possessões de além-mar, nelas houveram grande parte os missionários.

Essas conquistas espirituais e temporais, continuadas pelo espaço de 150 anos, não só causaram espanto a tôda a Europa, senão também mereceram os aplausos dos Sumos Pontífices, que bem depressa, reconhecendo nos missionários portugueses os instrumentos da Providência para a dilatação do reino de Cristo, quiseram, como prémio de tão assinalados serviços prestados à Igreja, engrandecer a coroa portuguesa, conferindo aos Monarcas Fidelíssimos o direito do padroado eclesiástico e de conquista nas terras descobertas e por descobrir.

Leão X, Nicolau V e Gregório XII assim fizeram, e não contentes com haverem confirmado êsses direitos, quiseram ainda dar aos Soberanos Portugueses outras demonstrações do seu agrado.

Júlio III, pelo seu Breve dirigido a D. João III, declara que êle e todo o mundo católico estavam sumamente gratos aos Reis de Portugal pela propagação da Fé e pelos descobrimentos que haviam feito.

Para se fixar o justo valor do brilhante período da história luso-cristã do Oriente, é necessário conhecer êsses grandes obreiros, que marchando na vanguarda dos argonautas e capitãis portugueses, arvoraram ao lado da bandeira das quinas, o estandarte da redenção, e pela sua prègação acompanhada de exemplo e singular virtude, converteram os pagãos e aumentaram os tributários dos Reis de Portugal.

Os primeiros arautos do Evangelho, que de Portugal chegaram à Índia em 1501, como missionários, foram oito religiosos franciscanos, e por guardião deles Frei Henrique de Coimbra, provincial da Custódia da Piedade em Lisboa

e confessor del-rei, varão de vida exemplar e de grande prudência.

Êsses fervorosos religiosos e mais os seus companheiros que lá chegaram em 1503 foram os iniciadores da interprêsa missionária portuguesa, que na Índia anunciaram o Evangelho, convertendo 30 mil pagãos e abrindo assim, como pioneiros, a gloriosa era das nossas missões do Oriente. Bem hajam!

Como a messe ia aumentando e os obreiros eram poucos, foram mandados de Portugal mais obreiros, entre os quais se destacam os padres Miguel Vaz e Diogo de Borba, os quais, com nobres intuitos de propagar a religião cristã, conceberam um gigantesco plano de fundar em Goa uma associação intitulada «Confraria de Santa Fé», cuja realização dependia de várias circunstâncias, e assim não duvidaram recorrer à caridade pública e à régia munificência para encarar as dificuldades da homérica emprêsa.

Ao apêlo que o padre Diogo de Borba fêz do alto do púlpito a tôda a nobreza e povo de Goa, reünido na igreja de Nossa Senhora da Luz, no dia 24 de Abril de 1541, respondeu-se com o mais fervoroso e entusiástico acolhimento, e o brilhante resultado da palavra evangélica dêsse exemplar sacerdote excedera a tôda a expectativa.

Consultando-se sôbre os meios a adoptar para a nobilíssima cruzada e providenciando-se sôbre os braços que pudessem cultivar uma tão vasta seara, acordou-se, com plena aprovação do bispo, do vice-rei, da nobreza e do povo, na fundação de um seminário das missões, onde fôssem educados e instruídos os jóvens candidatos de tôdas as nacionalidades asiáticas, que, munidos dos conhecimentos necessários, fôssem prègar o Evangelho aos seus irmãos — sendo a reitoria dêsse Seminário confiada ao grande mestre e educador padre Borba, que nesse instituto de educação missionária, que principiou com 60 alunos, produziu uma obra verdadeiramente apostólica, que me apraz constatar, serviu e ainda hoje serve, com grande honra para Portugal, de modêlo para os institutos similares de todo o mundo católico.

Mas era, na verdade, bastante pesada aos ombros da confraria de Santa Fé a magna emprêsa da cristianização do Oriente, e o padre Borba não contava com as fôrças

de Sansão, embora lhe sobrasse o ânimo e a vontade para exterminar os filisteus da idolatria oriental.

Já a Providência estava, por isso, preparando no Ocidente soldados aguerridos da Fé, educados na escola de abnegação do solitário inspirado no silêncio da gruta de Manresa, e do génio empreendedor dum soldado experimentado no crisol das ilusões do século em Pamplona, e o majestoso vulto de um novo Paulo para seu caudilho.

6 de Maio de 1542 foi o dia que tão fausto raiou para a Índia, vendo aportar a Goa, e levando como seus companheiros ao padre Paulo Camerti, italiano, e ao irmão Francisco Mansilha, português, o novo apóstolo dela: S. Francisco Xavier.

Descrever o que trabalhou e sofreu êste varão maravilhoso na conversão da gentilidade do Oriente, não cabe nos estreitos limites desta tese; basta dizer que morrendo a 2 de Dezembro de 1552, nas desertas praias de Sanchão, com 46 anos de idade, tendo gasto na sua bendita cruzada apenas 10 anos e 7 meses, andou 35 mil léguas, converteu e baptizou por suas mãos um milhão e 200 mil infiéis, aos quais ensinou com o seu exemplo a professarem a lei de Cristo, e serem gratos a Portugal, ressuscitou 25 mortos e fêz outros muitos prodígios, com que trouxe mais almas a Cristo do que lhe tinham arrancado os hereges daqueles tempos na Europa.

Logo após a sua estada em Goa, foi S. Francisco Xavier procurado pressurosamente pelo padre Diogo de Borba, para lhe rogar se dignasse aceitar o regime do seu seminário de Santa Fé, e S. Francisco Xavier, cujo espírito era tão grande como o mundo, respondeu-lhe que de bom grado aceitava o regime dêsse seminário, tanto mais que devido à alta visão do padre Borba, tinha os mesmos moldes e o mesmo fim, nos quais êle, em harmonia com o plano que trazia traçado da Europa, desejava fundar na Índia, e por isso lhe pedia que enquanto durasse a sua ausência na Costa da Pescaria, continuasse nesse regime.

Consolou, todavia, o piedoso fundador do seminário de Santa Fé, dando-lhe por companheiro o padre Camerti, seu colega e amigo.

S. FRANCISCVS XAVERIVS SOC IESV INDIARVM APOSTOLVS

S. Francisco Xavier

Apóstolo, Defensor e Patrono das Índias

*
* *

Mas ocorre preguntar: quem eram êsses dois beneméritos padres portugueses, que lançaram os fundamentos do célebre seminário de Santa Fé?

Foram ambos clérigos seculares; o padre Miguel Vaz foi vigário geral da Índia, tão zeloso da propagação da Fé, que o padre Francisco de Sousa, no «Oriente Conquistado», não duvida chamá-lo «principal coluna da Igreja Oriental do seu tempo».

E S. Francisco Xavier, escrevendo em 1545 a D. João III, faz o seguinte rasgado elogio dêste preclaro missionário do clero secular: «Êle deixa tantas saüdades aos cristãos destas partes, que é conveniente mandá-lo logo, para os consolar e defender. E ainda por amor de si mesmo o deve Vossa Alteza fazer assim, porque desencarregando a consciência em um ministro de tanto zêlo e indústria satisfaz ao grande encargo que tem de procurar a glória de Deus nestas províncias, e pode dormir seguro entregando êste cuidado nas mãos de tão experimentado e fiel sacerdote, certo de que êle, com aquela virtude provada por tantos anos, que aqui lhe mereceu a veneração de todos, não há de perder ocasião de defender e aumentar a religião católica». Faleceu em Chaul a 31 de Janeiro do ano de 1547.

O padre Diogo de Borba foi natural da Vila de Borba, província do Alentejo, arcebispado de Évora, exercitou-se na virtude na escola do célebre padre mestre Ávila, em Andaluzia, prègador de nomeada em Portugal, donde foi para a Índia com o primeiro bispo de Goa, D. Frei João de Albuquerque. Para a sua maior glória basta o elevado conceito que merecia a S. Francisco Xavier, de quem foi muito amigo, e o qual, numa sua carta ao padre Camerti, escreveu o seguinte: «Obedecei em tudo pontualmente ao padre Diogo de Borba, cuja vontade se conforma com a divina, e totalmente estareis à sua obediência. Se assim fizerdes, não sòmente me agradareis a mim, mas também a Deus».

Foi reitor do Colégio de S. Paulo ou Seminário de Santa Fé, e seu principal fundador. Faleceu em 1548 e foi sepultado na capela mór do Colégio Velho de S. Paulo, em Goa.

Coube a êsses dois padres do clero secular a honra de preparar em Goa a casa que depois se chamou o Colégio de S. Paulo ou Seminário de Santa Fé, e que sob o directo e benéfico influxo de S. Francisco Xavier os famigerados padres da Companhia de Jesus converteram não sòmente em um santuário das ciências e virtudes, mas ainda em um baluarte inexpugnável de fé e alavanca da civilização cristã do Oriente, confirmando assim o vaticínio de S. Francisco Xavier, feito na sua carta datada de Goa, de 12 de Janeiro de 1544, e dirigida à Companhia de Jesus, em Roma, e que dizia: «Os cristãos do país chamam êste colégio o Seminário de Santa Fé. Êles têm razão, porque com o auxílio de Deus esperamos que por meio dêste colégio fará a Igreja tão grandes conquistas, que estenderá o seu domínio por todo o Oriente».

E tais eram os créditos que êsse colégio havia adquirido, que todos os cultos viajantes estrangeiros, como Linshoten, Pyrard, Buchanan, Contineau, e muitos outros, quando nos séculos XVI e XVII visitaram em Goa êste colégio tão afamado pelos variados ramos do saber humano que ali se professavam deixaram dito: que êsse colégio havia conquistado o direito de se chamar Universidade, ou antes a Sorbone do Oriente. E o padre Francisco de Sousa, no «Oriente Conquistado», escreveu que o referido colégio «se podia comparar com todos os colégios da Europa, não se podendo muitos comparar com êle», conceito que foi, com tôda a autoridade científica, completado por Diogo do Couto, com as seguintes palavras: «Foi um dos colégios que os padres da Companhia tiveram pelo mundo dos principais».

A propaganda da fé e a difusão dos dogmas sacrossantos do cristianismo por entre tôdas as camadas da sociedade oriental foi o feliz pensamento que embalou em o seu bêrço a grande universidade do Oriente, o colégio de S. Paulo, em Goa, onde se leccionava a filosofia e a teologia pelo sistema do doutor Angélico, S. Tomaz de Aquino, pois não se queria impôr a fé, nem ocultar os motivos que são seu poderoso esteio; não se pretendia que os povos do Oriente, onde já existia a cultura intelectual, fôssem conduzidos à fonte da graça sem estarem habilitados a bem conhecer a excelência da religião que se lhes prègava e a virtude sobre-

natural das águas de regeneração; — queria-se, em síntese, que a fé fôsse *rationabile obseqium mentis nostrae*, como queria o grande apóstolo das gentes, sob cujo valioso patrocínio fôra inaugurado o grandioso instituto na famosa metrópole oriental.

Fôrça era, pois, colocar êsses povos à altura do ensino que se lhes prodigalizava, chamando-os por meio de educação e instrução religiosa ao esplêndido festim da civilização ocidental; e a Companhia de Jesus, como tantas vezes disse, e ainda aqui repito, nada poupou em ordem a desempenhar do modo mais perfeito tarefa tão gloriosa.

E, de facto, os 500 padres da Companhia de Jesus que, seguindo o exemplo de S. Francisco Xavier, tinham ido para as missões das Índias Orientais, até 1759, quais templários, manifestando tanta fôrça com a sua ciência e doutrina como aqueles com a sua espada, demonstraram em públicas discussões aos filósofos da célebre Universidade Indo-Árica de Benares «que a Igreja Católica, propondo a Fé, não esconde os seus dogmas, temendo que os achem falsos, não recusa nenhuma prova, não teme nenhum exame, antes o aceita e até o provoca», dizendo-lhes ainda: «Nós seguimos a razão, mas com olhos fixos no Farol da Fé, para que a nossa inteligência não se perca, como a nau sem bússola no meio do oceano». E, depois se espalharam por todo o Oriente, e em 1580, foram prègar o Evangelho na côrte do Grão-Mongol, onde no reinado de Selim, que sucedeu no trono a seu pai Akbar, conseguiram baptizar quatro sobrinhos do poderoso monarca, com suas respectivas famílias e mais povo, e ver gravadas, nas portas da magnificente cidade de Lahore as efígies de Jesus Cristo e da Virgem Maria.

Como as cristandades do Oriente se iam aumentando consideràvelmente, pareceu então a D. João III que era tempo de meter mais obreiros na conquista espiritual. E ainda que já tivesse mandado outros religiosos, determinou juntar a êles os teatinos, os dominicanos, os agostinianos, os oratorianos, os carmelitas e de outras ordens religiosas, que, manda a justiça dizer, prestaram com acrisolado zêlo os mais relevantes e assinalados serviços à Religião e à Pátria.

*
* *

De Goa, cognominada então a Roma das Índias, partiram em tôdas as direcções religiosos de tôdas essas ordens.

Devido a êsses indefessos obreiros, no principio do século XVII, possuíamos nas Índias Orientais, além da província eclesiástica metropolitana de Goa, vastíssimas missões, que compreendiam Arábia Feliz, a Pérsia, o Afganistão, Cabul e Lahore, o Tibet, o Scinde, a Tartária Central, tôda a Índia e Ceilão, o impérrio Birman, o Pegú, dôze reinos da peninsula Malaia, as ilhas de Sumatra, Sunda, Batávia, os impérios da China e do Japão, o reino de Sião, a Tartária Oriental, a Cochinchina e o reino da Corêa.

Em suma, desde o século XVI até ao meado do século XVIII, essas missões, constituindo o nosso padroado, representavam o maior florão da nação portuguesa.

Foram, portanto, as ordens regulares que, penetrando mais longe do que o ruído de nossas armas, converteram à fé de Cristo os infiéis.

Justiça a todos e honra a quem merece!

E, precisamente quando êsses modelares obreiros, com os seus sistemáticos e continuados esforços de um corpo colectivo, dispondo dos meios e recursos que possuem as associações religiosas, faziam denodadamente dilatar a Fé e também o império, a ponto de os estrangeiros ficarem admirados, surgia inesperadamente, em 3 de Setembro de 1759, o ominoso decreto de expulsão dos jesuítas de Portugal e seus domínios, com a respectiva prisão e confiscação dos seus bens, entre os quais os tesouros científicos de suas preciosas bibliotecas, que constituíam os repositórios de alta cultura, e ainda as alfaias de prata, de ouro, e riquíssimos ornamentos das suas igrejas, onde os haviam oferecido os fieis, como testemunhos do seu agradecimento para com Deus, e, mais tarde, em 5 de Agôsto de 1833, o ruïnoso decreto da extinção de tôdas as ordens religiosas, mandando, por outro decreto de 24 de Março de 1835, encorporar nos próprios da Fazenda Nacional os bens de todos os conventos, mosteiros, colégios, hospitais e quaisquer casas religiosas das ordens regulares.

Êsses decretos provocaram não sòmente um calamitoso desastre para aquelas florescentes cristandades, causando-lhes ruínas verdadeiramente assombrosas, mas também para o grande império luso-oriental, que desde então começou a desmoronar-se.

Não admira que os homens rendidos ao culto dos mais ínfimos interêsses, e esquecidos de Deus e dos seus ministros, expulsassem e extinguissem dos seus Estados e dos seus domínios, os grandes e apostólicos missionários, que depois de Deus foram, incontestàvelmente, o maior instrumento do estabelecimento da religião cristã e também do domínio português na Ásia! O olhar puro dêsses beneméritos obreiros, e os seus cânticos verdadeiramente patrióticos seriam porventura para êsses homens a terrível acusação dos próprios remorsos.

Tremenda responsabilidade de quem contribuiu para tamanha desgraça, e assim retardou de muitos séculos a já adiantada cristandade do Oriente.

A sociedade precisa de saber que grau de responsabilidades cabe, na expulsão e extinção dessas vozes vibrantes da ciência e da moral cristã, que no Oriente haviam prestigiado a Religião, a Pátria e a Civilização.

A justiça e a virtude foram oprimidas.

Houve injustiça, e grave, com êsses evangelizadores beneméritos, aos quais a torrente irresistivel da iniqüidade vedou o caminho tão gloriosamente encetado, amordaçando-lhes a bôca. O ferro que abre as feridas não tem memória, mas tem-na o corpo que as recebe; e daí as demasias exorbitantes de quem despòticamente abusou do poder não podem fàcilmente ser indultadas.

Não fique sem dizer que a heroica Nação Portuguesa, a quem compete ùnicamente a glória que a história tem o dever de reivindicar, não deve nunca responder pelos desacertos de um ou outro ministro, a quem cabe a responsabilidade dos seus actos.

As conseqüências dessa legislação anti-religiosa e anti-patriótica, foram imediatas e lastimosas, pois faltando os mestres e fechadas as casas onde eram instruídos e educados os missionários, a vasta seara ficou sem obreiros.

Foi o sinal e o começo de uma profunda inquietação.

Como providenciar às urgentes necessidades do nosso padroado espalhado na Ásia, na África e na Índia? Como atalhar e prevenir os males dessa catástrofe provocadora de um momento simplesmente crítico? Uma situação desesperada, de ocasião, obrigava dolorosamente a encarar as emergências inesperadas. Urgia irredutivelmente o caso. Tal se desenhava essa situação, tôda feita de perigos, que exigia imediatas providências, para arrancar-se dela com honra para o nome português.

As ordens regulares, como ficou demonstrado, fundaram o padroado português; com elas floresceu êle, decaiu quando elas foram expulsas e extintas, e teria desaparecido e morrido com elas, se nessa angustiosa conjuntura e conseqüentes dificuldades que se foram prolongando até 23 de Junho de 1886, os ínclitos prelados, que em vida se chamaram D. Frei Manuel de São Galdino, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, D. Aires de Ornelas e Vasconcelos, e D. António Sebastião Valente, pelo intenso poder das suas faculdades reflexivas, pela eminência do seu talento e preclaras virtudes, pela autoridade da sua palavra, pela popularidade do seu nome, pela reputação nunca discutida da sua integridade pelo que tem de forte e complexo no Episcopado Português, e que tanto perlustraram o sólio arquiepiscopal de Goa e primacial do Oriente — não tivessem tomado sôbre si o nobre encargo de mantenedores e continuadores da antiga obra missionária do Padroado, e chamado os padres do clero secular de Portugal e de Goa, e os quais, em obediência inteira ao mandado dêsses sábios e clarividentes pastores, souberam corresponder à confiança que neles foi depositada.

Eis aqui está como, porque, em que circunstâncias e em que condições os padres do clero secular foram chamados e incumbidos de um ministério sobremodo honroso e de altíssimos fins.

Relatando êstes precedentes da gloriosa missão dos padres do clero secular, e relatando-os com veracidade, quis sòmente mostrar que êles, avaliando a magnitude da emprêsa e as correlativas responsabilidades tremendas, pediram sempre e confiadamente a Deus que os guiasse no desempenho dêsse sagrado ministério de evangelistas e lhes permitisse salvar a honra da Pátria e a sua própria honra.

Uma página evocadora da vida missionária

Padre Menyart, Dom António Barroso, Monsenhor Couto e Padre Emilio Machado, rodeados pelos educandos da Missão de Boroma

Todos aqueles que conhecem um pouco a vida de missionários sabem que enorme esfôrço absorvente e desfibrante precisa de empregar para cumprir o seu munus, que soma de trabalho exercido infatigàvelmente no mais difícil de todos os misteres. E, depois, que abandono de si mesmo, que abnegação, — para não fazer da sua sotaina a veniaga dos sórdidos interêsses — que esquecimento sublime das próprias amarguras, dos desalentos, das tristezas pessoais: e daí era meu desejo dar uma ideia, a traços largos, ou ao menos aproximada, dos trabalhos das nossas missões, porque muitas dessas missões, que foram o teatro de esforçadas interprêsas, já não pertencem ao nosso Padroado, e talvez hoje nem sequer é ali lembrado o benemérito nome português; mas o tempo urge, e para não escurecer totalmente o seu significado, porque seria injustiça e ingratidão inqualificável estender a lousa do esquecimento sôbre essas missões que frutificaram a cento por um, refiro-me ao menos ligeiramente, para não ficarem riscadas inteiramente da memória.

* * *

Não há dúvida que para cultivar a vastíssima seara que herdâmos, nós éramos poucos, e daí, desde o pontificado do Papa Gregório XV, e do estabelecimento da Sagrada Congregação da Fé, em 1622, foi decretado pelos Sumos Pontífices que fôssem para a Índia os vigários apostólicos e missionários directamente sujeitos à referida Congregação, vulgarmente chamada *Propaganda Fide.*

Entre os primeiros dêsse vigários apostólicos foram os missionários da Ordem Carmelita e ao cuidado dêles colocou o Papa os cristãos indo-sirianos da Costa do Malabar e os católicos espalhados nos domínios de Grão-Mogol.

Pedro Paulo de S. Francisco, sobrinho do Papa Inocêncio XI e filho do duque de Parma, na Itália, foi, em 1696, vigário apostólico nos domínios de Grão-Mogol, onde, como disse, desde 1580, os missionários jesuítas portugueses exerciam o seu sagrado ministério.

Em 1833, o Santo Padre Gregório XVI criou o Vicariato Apostólico de Madrasta, e logo depois, em 1835, fundou o de Calicut, e enviou para a Índia muitos missionários da Companhia de Jesus e de outros ordens religiosas — que

o govêrno inglês, apesar de protestante, sem ter medo da roupeta do jesuíta ou do burel do frade, como tiveram os nossos estadistas, recebeu-os, como bem-vindos e como elemento de maior progresso do seu domínio na Índia.

Durante o pontificado de Pio IX, foram sempre em aumento as missões regidas por vigários apostólicos.

Em 23 de Junho de 1886, Leão XIII, com o fim de estabelecer a paz religiosa nas missões portuguesas situadas na Índia Inglesa, soube, pela Concordata celebrada com el-rei D. Luiz, pôr termo às lamentáveis questões de dupla jurisdição e constituir na Índia uma grande gerarquia eclesiástica, e como testemunho de sua muita consideração pela Nação Portuguesa restaurou não sòmente as antigas dioceses de Cochim e de Meliapor, mas ainda criou a nova diocese de Damão.

Não juntando Ceilão e Birmânia, uma estatística dava então na Índia Inglesa, apenas 2 milhões de católicos para 348 milhões de pagãos, maometanos e judeus, assim distribuídos:

Nas 3 dioceses do Padroado, a saber: Cochim, Meliapor e Damão...........	650.000
Nos 3 vicariatos siro-malabáricos.........	600.000
Em 20 dioceses e 4 prefeituras apostólicas	750.000
	2.000.000

Vê-se, pois, que ao cuidado dos padres do clero secular, além das missões das referidas três dioceses, ficaram também as missões das dioceses de Macau, de Angola e Congo, de Cabo Verde, da prelazia de Moçambique, de S. Tomé e da Guiné, nas quais missões, pede a justiça que o diga, estão prestando também relevantes e beneméritos serviços os padres do Espírito Santo, os missionários franciscanos de Maria e os padres do Verbo Divino.

Certamente foi grande, foi nobre e alevantada essa admirável investidura, careadora de tôdas as simpatias e merecedora de todos os votos.

E os nossos missionários corresponderam à espectativa e confiança, que neles depositaram a Igreja Católica e a Nação

Portuguesa, marcando a era de um progressivo incremento pelo emprêgo de providências acertadas e sobretudo perseverantes, e suportando penosas fadigas, arrostando graves dificuldades e continuando ininterruptamente as antigas e honrosas tradições, demonstraram aos que os contemplavam esperançosos, que sabiam cumprir o seu dever.

E, de facto, não foram baldadas essas esperanças; porém, quando tôdas as nações coloniais lançavam mão das missões religiosas como elemento indispensável de progresso e de verdadeira civilização cristã, e as nossas missões estavam sendo, mòrmente em África, a sentinela vigilante da integridade dos nossos domínios ultramarinos, julgaram obstinadamente, afrontando a tradição da Pátria, desprezando as terríveis lições da história, calcando aos pés os interêsses sociais e as leis da consciência, como se as tremendas e desastrosas conseqüências dos decretos de 1759 e de 1835 fôssem poucas, que deviam lavrar novos e vexatórios decretos, conhecidos de todos nós, por serem dos nossos dias — e que tão descaroàvelmente atingiram o Colégio dos Padres Seculares, que há cêrca de 60 anos foi criado no antigo Seminário da Prelazia do Crato, em Sernache do Bomjardim, e donde, além de figuras de grandes bispos missionários, tais como D. António Joaquim de Medeiros, D. Henrique José Reed da Silva, D. João Gomes Ferreira, D. António José de Sousa Barroso, D. Sebastião José Pereira e D. José Alves Martins, actual e venerando bispo de Cabo Verde, saíram também muitos e fervorosos missionários, essa falange admirável, que em todo o ultramar prestaram, como ainda hoje prestam, relevantes serviços à religião e à Pátria — e não obstante tudo isso, se disse aleivosamente todo o mal dos nossos missionários e da sua patriótica e civilizadora acção religiosa, esquecendo-se que, assim como a violência prejudica e desacredita os que a empregam, as calúnias refluem sempre nos que as assacam, e que tanta cobardia é atacar o homem desarmado como falar mal de quem não pode defender-se nos tribunais, onde lhe é vedada a defesa.

E, assim, deu-se quási por finda a proveitosa expansão das nossas missões religiosas no ultramar, substituindo-as pelas missões laicas.

Não há dúvida que os nossos missionários foram ingratamente pagos, mas não têm de que se queixar, foi a sorte dos seus ilustres antecessores. «O dia sucede à noite, diz S. João Crisóstomo; as duras estações às estações agradáveis; porém, os males da vida seguem-se sem interrupção, e cáem sôbre nós sem medida». À esperança devemos o não ficarmos esmagados debaixo do seu pêso.

A desgraça que fere os bons não tem originalidade, é sempre interessante. Deus aflige neste mundo àqueles que ama. A coroa de glória não se dá senão no céu. Sem a virtude não há felicidade. A moral não é invenção humana. É uma planta disposta por Deus no coração de todos os homens e que firma entre o céu e a terra uma estreita aliança. A moral é, pois, de todos os tempos e de todos os povos. «Da sagrada verdade emana qualquer coisa de miraculoso que dá fôrça e valor», disse René Boylesne.

Foi, pois, em vão, que os inimigos das nossas missões religiosas procuraram fugir à luz que as cercava e que manifestava aos olhos atentos a sua celeste origem.

O céu, que as tem salvado por meio de tantos milagres, as salvou também nesse duro transe.

Cheio de angústia foi, na verdade, o período em que se encontraram as nossas missões, que depois de largo interregno, e porventura recordando-se do que na Década VI escrevera Diogo do Couto: «Os Reis de Portugal sempre pretenderam nesta conquista do Oriente unir tanto os dois poderes espiritual e temporal, que em nenhum tempo se exercitasse um sem o outro». Teve uma solução justa e altamente patriótica, decretada, como reparação, de um vínculo existente entre a Igreja e o Estado, por um português de lei.

E neste assunto não posso nem devo esquecer, porque seria ingratidão fazê-lo, o ilustre nome do comandante Rodrigues Gaspar, que, pelos seus decretos, o de 24 de Dezembro de 1919 (n.º 6.332), e o de 26 de Agôsto de 1921 (n.º 8.351), quando sobraçava a enciclopédica pasta de Ministro das Colónias, com perfeita visão de um autêntico homem de Estado, enfrentou com máxima coragem o problema que já se julgava irredutível; irredutibilidade que, a continuar, nos conduziria a passos agigantados para um abismo certo. Igualmente não quero esquecer o nome do saüdoso comandante João Belo, que, mais tarde, pelo seu notável decreto — Estatuto Missionário — com fôrça de lei, regularizou tudo quanto precisava de ser regularizado.

Feliz a Nação que encontra os modelos nos seus estadistas, que chegam a compreender a insofismável doutrina de que sem as missões religiosas não pode haver no Ultramar o verdadeiro progresso civilizador, e que os homens não podem ter domínios onde Deus não tem altares.

Honra lhes seja feita!

Os povos valem o que vale a sua religião; tais símbolos, tais costumes; a civilização modela-se pelo culto.

Quando se estuda bem a história, vê-se que o pacto social não é senão a aplicação, ou para melhor dizer, a tradução da ideia religiosa nos costumes e nas instituïções da civilização.

*

* *

Como é sabido, pelo Acôrdo entre a Santa Sé e a República Portuguesa e respectivo Protocolo assinado no dia 23 de Abril de 1928 e ratificações correlativas trocadas em Roma, no dia 3 de Maio do dito ano, o nosso Padroado de épocas felizes do seu engrandecimento e prosperidade, êsse Padroado que o convento de Cristo, de Tomar, enviou, incipiente, a bordo das primeiras caravelas das descobertas, e que nas terras distantes do Oriente atingiu a sua grandeza máxima e conquistou a sua imorredoura glória, cuja memória ainda agora perdura para honra sua, da Igreja e de Portugal,—a única grandeza que lhe resta da sua áurea idade, e que, mercê de Deus, ainda lhe guarda vivo e respeitado o nome nas imensas regiões, pelas quais se estendeu outrora o seu senhorio religioso, está hoje, devido a várias circunstâncias conjugadas com as modificações dos tempos, restringido e circunscrito a uma pequena extensão territorial, comparada com a anterior, de extensão quási incomensurável; mas ainda assim representa um vasto campo para os nossos missionários inteligentemente empregarem nele o seu ardoroso trabalho, lembrando-se sempre e com profunda comoção daquela admirável carta de S. Francisco Xavier, o celeste patrono de todos os missionários e de tôdas as missões do mundo, escrita de Goa, em 1545, ao geral da Com-

panhia de Jesus em Roma, e que dizia: «Que de vezes me vem ao pensamento que se eu pudesse transportar-me-ia para a Europa; e, a despeito de passar por louco, quereria percorrer as academias e dizer a todos aqueles sábios, especialmente aos de Paris, e a todos aqueles homens que têm mais doutrina do que caridade: É devido a vós que uma infinidade de almas são excluídas do reino dos céus». E continuando com semelhante reflexões, acrescenta que êles chegariam a exclamar, dizendo: «Senhor! Eis-me aqui; eu sou vosso, todo vosso. Mandai-me para onde quiserdes, até para as Índias». E, mais abaixo: «Deus sabe que na impossibilidade de voltar à Europa, tenho pensado muitas vezes em escrever à Universidade de Paris, e particularmente aos doutores Corne e Picard, para lhes fazer vêr o prodigioso e infinito número das almas que seria fácil chamar ao conhecimento de Jesus Cristo, se os homens estivessem menos ocupados da sua glória do que da de Deus».

E, porque na verdade assim é, praza a Deus que possamos ver sôbre bases ainda mais sólidas a grande obra missionária portuguesa coroada pela Fé.

Oxalá! Que o nosso século veja renovar-se êste sublime espectáculo, esta obra de paz entre a Igreja e o Estado. Oh!, venha o dia em que êles se reünam para nunca mais separarem-se. E que momento mais propício do que êste?

Vêde lá sôbre a cadeira de S. Pedro aquele grande doutor, que a Providência ali colocou! A sua palavra sublime e profunda de cristão e de filósofo chama a atenção dos espíritos mais sérios, incita o interêsse e admiração do mundo dos sábios, demonstrando que no meio da pavorosa procela que ameaça submergir o mundo em novo dilúvio, só podem estar seguros na barca santa da Igreja, que não teme os ventos nem as tempestades. O piloto de César trazia consigo a fortuna do império, o piloto da Igreja tem nas suas mãos as esperanças da humanidade.

E não admira, pois foi êsse grande doutor que instituiu na liturgia católica a «Festa do Reino de Cristo», que se celebra a 31 de Outubro de cada ano, e daí Pio XI, na sua admirável encíclica *Quas Primas*, em 1925, proclamou que o catolicismo é uma religião universal, e os que a professarem são, dêsse dia em diante, sem distinção de espécie

alguma, iguais em paridade absoluta no reino de Cristo. E para que êsse seu ensinamento não parecesse teórico, deu o gènuíno significado prático, promovendo ao episcopado, e sagrando por suas augustas mãos, com impressivas cerimónias na basílica de S. Pedro, alguns padres chineses e japoneses, e, ùltimamente, um padre da raça negra, Mgr. Childane Mariam Cassa.

E, coisa notável! O Papa, no discurso que proferiu depois da cerimónia da sagração dêsse bispo negro, teve para Portugal palavras de aprêço, apesar de o novo prelado ser súbdito italiano.

Disse Pio XI não ser êsse o primeiro bispo da raça negra. O primeiro negro elevado à dignidade episcopal havia sido um súbdito de Portugal, filho do rei do Congo, D. Martinho Ulho, e bispo de Angola e Congo.

Segundo o último censo, vivem sôbre a superfície da terra 4 biliões e 800 milhões de habitantes.

O Santo Padre Pio XI, felizmente reinante na Igreja de Deus, com maravilhoso zêlo, esforça-se, como sendo o *finis coronat opus*, por divulgar em todo o mundo as excelências da fraternidade cristã, demonstrando, com todo o carinho paternal, que o seu coração de pai tem capacidade não só para providenciar às necessidades dos 300 milhões de fieis, que somos todos nós, espalhados pelo orbe católico, unidos como um só homem na fé, na esperança e na prática do bem, formando um só rebanho, debaixo de um só pastor; mas ainda para comover-se ao pensar que na enorme soma da população não católica, os pagãos que presentemente vivem sôbre a terra são em número de 1.000 milhões, cuja conversão à fé de Cristo é a sua única preocupação, e, daí, depois de aturado e profundo estudo desta palpitante emergência, chegou à sábia e magistral conclusão de que a solução dêsse magno problema dependia, única e exclusivamente, da persistente e continuada acção missionária.

E, posto que nessa prodigiosa cruzada estejam actualmente trabalhando, sob a imediata direcção da Congregação da Propagação da Fé, 163.615 obreiros, entre os quais se contam 300 bispos, 28.938 padres europeus, 24.305 padres nativos, e 110.072 auxiliares — com paróquias, semi-paróquias e estações missionárias, catedrais, igrejas e capelas,

universidades, escolas superiores e escolas profissionais, orfanatrófios, asilos, leprosarias, hospitais, farmácias e tipografias, com uma população de 14 milhões, 625 mil e 567 católicos.

O Santo Padre Pio XI, antonomàsticamente cognominado o Papa das Missões, vendo que a messe era grande e os operários eram poucos, dirigiu, na sua magistral encíclica *Rerum Ecclesiae*, um veemente apêlo ao episcopado do mundo católico, para a realização do seu *desideratum* de converter êsses 1.000 milhões de pagãos que ainda jazem nas trevas.

E, assim, testemunhando a sua paternal solicitude pelos educandos dos nossos colégios de Tomar, de Cocujães, e de Sernache do Bonjardim, colocou-os sob a superior direcção e reconhecida capacidade de modelar educador do sr. D. Teotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, antigo bispo de Meliapor e hoje venerando patriarca das Índias Orientais, e depois deu como penhor de sua estima a êsses nossos futuros missionários os estatutos de uma sociedade de direito pontifício, como os têm os membros das sociedades estrangeiras de Paris, Milão, Burgos, Mil-Hil, e outras do mesmo género, assegurando, por esta forma, a estabilidade, e, o que mais é, a continuïdade das nossas missões religiosas ultramarinas, e nomeou superior dos referidos colégios e, ao mesmo tempo, primeiro superior dessa sociedade, como sendo *the right man in the right place*, o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, antigo bispo de Angola e Congo e actual venerando arcebispo-bispo de Vila Real, de cuja competência, zêlo e inteligência, irmanada com o conhecimento prático da árdua vida missionária, muito há a esperar.

Eis aí os traços principais do majestoso quadro das nossas missões, exposto em tôda a sua clareza.

A hora que passa não permite que percamos tempo a recordar sòmente a grande obra dos nossos antigos missionários, mas devemos aproveitá-lo com grandes coisas que precisamos fazer, principalmente na educação e formação dos nossos futuros missionários, proporcionando-lhes uma educação mais larga e profunda. Os dignos representantes do catolicismo que souberam sustar as invasões crescentes dos protestantes, restabelecer a Igreja na metade dos países

em que fôra suprimida, e converter mais almas na África, na Ásia e na Oceania, do que perdera na Europa, pertenciam ao mais notável corpo de educadores que até então jàmais se viram. Tôda a história anda cheia dos sucessos que obtêm a ciência e a virtude, e a triste derrota que sofre a ausência de qualquer dêstes dois predicados. No presente momento, tudo nos chama ao trabalho. «Deus disse ao homem: Trabalha, que eu te ajudarei». O tempo é um livro imenso; cada século que vai passando é uma fôlha dêsse livro que se volta, e cada geração cumpre o que lá escreveram os que nos precederam; desprezando as riquezas, largando as dignidades e morrendo no seu posto.

Êsse livro da nossa epopeia missionária é um livro sublime, onde estão escritos muitos nomes dos padres conspícuos na ciência, na virtude, no martyrio e na santidade, que vibrando sob a inspiração de um alto espírito cristão e de um coração patriótico de raça, seriam grandes, como, de facto, o foram, na galeria missionária, a mais rica do mundo.

Concluindo, eu vejo, nos anais das nossas missões, o desenvolvimento de um plano providencial, que se desdobrou através dos séculos e das vicissitudes correlativas, deixando uma crónica de empresas do céu e do valor espiritual dos nossos missionários.

O presente foge-me, o passado não me pertence, o futuro não o conheço; mas há em mim um impulso misterioso que me eleva ao infinito; tenho a ideia de uma felicidade não vulgar e caduca, mas pura, perfeita e inalterável. E porque a história da esperança é a história dos factos heróicos, das glórias sublimes, ou para melhor dizer, é o segredo do heroismo cristão, espero que os nossos missionários, conservando sempre os nobres sentimentos de sua augusta missão, contribuïrão para elevar, nobilitar e sublimar o ideal missionário português, e fazer que seja digno, como merece, e já o foi, da sua pristina grandeza. E tu, oh! meus Deus, faze que esta minha esperança não seja vã.

Tenho dito.

Barcelos, 2 de Setembro de 1931.

Monsenhor Gustavo Couto